

# Do co-presente ao mediado: reflexões sobre o desenvolvimento das tecnologias de uso individual

Graça Rossetto ([graca\\_rossetto@yahoo.com.br](mailto:graca_rossetto@yahoo.com.br))  
(<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=T880272> )

## 1. MUDANÇAS SOCIAIS E TECNOLOGIA

A cena é comum: saguão de um aeroporto, mais de 200 pessoas a espera de um voo e um murmurinho interminável, mas quase nenhuma pessoa alguma olha pra outra. Aquele barulho de conversa não vem do contato co-presente entre conhecidos e desconhecidos, mas de uma multidão que fala ao celular, ou no caso dos mais quietos, que manda mensagens, consultam sua conta bancária, assistem vídeos e fazem compras, tudo através do seu faz tudo de bolso. Seja no saguão de qualquer aeroporto, no ponto de ônibus, na sala de espera do médico, no elevador ou até numa festa, parece que as multidões nunca foram tão solitárias e os solitários nunca estiveram tão acompanhados.

Na longa história de evolução e desenvolvimento das tecnologias, desde a escrita até o telefone celular e daí pra diante, é claramente visível como o aprimoramento da técnica afeta a condição social e humana, seja na forma como nos apropriamos das novidades ou mesmo pelo “impacto” causado por elas.

Apesar de “como mostram diversos sociólogos (clássicos e contemporâneos) ser a ‘atração social’, o sentimento de ‘estar junto’ o verdadeiro cimento de toda a vida em sociedade” (LEMOS, 1999), as tecnologias da informação e comunicação parecem tentar atender a um objetivo, mesmo que implícito, de individualização crescente, ou para ser menos radical no uso da palavra, pelo menos de mediação crescente.

Isso acontece desde a invenção dos gravadores, com os quais se podia gravar a música e ouvir fora da presença da orquestra, por exemplo, evitando assim o convívio mútuo; até os telefones celulares que, mesmo com o objetivo básico de conectar pessoas, o faz através de uma ferramenta essencialmente individual e individualista. No caminho desses milênios de invenções ainda

temos a imprensa (consumida individualmente), o telefone, o rádio e a televisão(1), a TV paga, o computador e, por fim, o telefone celular.

Isso, no entanto, não significa que a tecnologia está aí para separar as pessoas, muito pelo contrário, na verdade essas tecnologias paradoxalmente individualizam para criar conexão e sociabilidade.

## 2. DO INDIVIDUALISMO

Há séculos as sociedades modernas inventaram a ideologia do indivíduo livre (...) o individualismo até data recente viu-se barrado em sua expansão por pesadas armaduras ideológicas, instituições, costumes ainda tradicionais ou disciplinares-autoriários (...). O processo de personalização, impulsionado pela aceleração das técnicas, pela administração, pelo consumismo de massa, pela mídia, pelo desenvolvimento da ideologia individualista e pelo psicologismo, leva ao ponto culminante o reinado do indivíduo, explode suas últimas barreiras (LIPOVETSKY, p.8)

De acordo com a ideologia moderna, o individualismo é a sua base, em que as partes são sempre mais importantes que o todo. O sentido da experiência social nas sociedades modernas é dado pela individualidade singular de cada um, tendo o indivíduo no centro de seus valores. De acordo com Piero de Camargo Leirner discorrendo sobre o individualismo em Louis Dumont, “o valor igualitário/ individualista orienta a percepção para o entendimento de que as partes são autônomas e compõem a essência dos arranjos sociais” (p. 39). A modernidade também se estruturou como imaginário do dever e do homogêneo, em que cada indivíduo precisava corresponder ao imperativo moral dominante.

No entanto, Lipovetsky nos situa agora na hipermodernidade, um tempo em que excesso e vazio enfrentam-se num combate que gera autonomia, novas liberdades e produz também, obviamente, novos problemas, novas angústias e expectativas. É também a era da comunicação como forma de

---

1 No geral, mas mais especificamente no caso da televisão, ao deslocar-se do estereótipo da família reunida ao seu redor, a lógica no que concerne o desenvolvimento tecnológico se desenvolve para a televisão paga e sua segmentação.

contato, um tempo de valorização dos desejos individuais e de aumento da oportunidade de escolhas particulares.

Baseada nessa idéia de hipermodernidade, o professor Marcio Acserald fala da existência de um hiper-indivíduo. “O indivíduo, por sua vez, torna-se um hiper-indivíduo, na discussão de Sérgio Paulo Rouanet (ROUANET, 1996, p.9), ou um homem-massa, no dizer de Ortega y Gasset (ORTEGA Y GASSET, 1961), um ser paradoxal, pois que se acredita independente sem o ser” (pg. 7), ou seja, tem seu consumo individualizado, mas na busca da companhia. Além disso, vê-se sem outras filiações que não a do desejo e do consumo, utilizando a comunicação como mais um meio de alguma forma obter prazer. “O hiper-indivíduo é um modo de relação social em que todos estão à margem, na borda, no limite. É um mesmo elo o que apropria e afasta, que comunica e individualiza”.

Nesse tempo em que “a forma é ao mesmo tempo suporte e prisão da vida” (LEMOS, 1999), parece haver um rearranjo das formas de controle, em que a manipulação cede espaço à sedução, e a imposição deve transformar-se em conquista.

A pós-modernidade consagrou a possibilidade de não crer na existência de um único sentido, mas de apostar na construção categórica e permanente de sentidos múltiplos, provisórios, individuais, grupais ou simplesmente fictícios. É uma sociedade que Juremir Machado chama de *sociedade self-service*, na qual o aumento da responsabilidade individual é fato. “Estamos mais soltos, mais perdidos, menos fixados, menos tutelados e mais obrigados a gerir o nosso mundo como artistas da nossa própria escultura”, diz Machado no prefácio da obra de Lipovestky referenciada.

Essa emergência de um modo de socialização e de individualização inédito não busca o recolhimento, é um pós-tudo em que tudo muda pela comunicação, pela interação, pelo contato, pela busca desenfreada do prazer e da múltipla escolha.

Estamos vivendo uma segunda revolução individualista, em que nosso tempo conseguiu eliminar a escatologia revolucionária instaurando uma revolução permanente do cotidiano e do indivíduo: privatização ampliada, erosão

das identidades sociais, desgaste ideológico e político, desestabilização acelerada das personalidades (LIPOVESTKY, 2005).

O culto ao momento, ao instante que se vive, assim como o isolamento individualista e o indivíduo, e seu respectivo valor enquanto agente econômico, são valores da modernidade dados como universais, porém também a contemporaneidade tem como valor essencial o indivíduo livre e uma espécie de “presenteísmo” exacerbado. De acordo com André Lemos, em seu artigo Ciber-socialidade, “a vida cotidiana contemporânea vai insistir na dimensão do presente; num presente caótico e politeísta, caracterizando um primeiro conceito chave da socialidade: o ‘presenteísmo’, a ênfase no presente em detrimento de perspectivas futuristas”.

A cultura contemporânea individualista se realiza como processo de objetivação do sujeito e de subjetivação dos objetos. “A sociedade contemporânea vai se estabelecer então como um politeísmo de valores onde nós ‘atuamos’ desempenhando papéis, produzindo máscaras de nós mesmos, agindo numa verdadeira ‘teatralidade cotidiana’” (LEMOS, 1999).

Sobre a forma como se relaciona o individualismo e o tempo pós-moderno, Louis Dumont propõe que a relação indivíduo/ sociedade pode ser desdobrada em uma outra, a relação igualdade/ hierarquia<sup>(2)</sup>. De acordo com o filósofo, não se pode falar de individualismo sem citar hierarquia. Nessa lógica algumas tecnologias, mais especificamente a internet, faz o contrário, ligando os conceitos opostos: indivíduo e hierarquia; sociedade e igualdade.

A organização do sistema de valores repercute diretamente sobre a configuração sociológica de qualquer sociedade. Para Dumont, qualquer igualitarismo só pode ser entendido no interior de uma relação que conduz a um sistema maior, que apresente relações de natureza hierárquica. Para ele, a visão da totalidade social como uma somatória de diferentes partes é resultante de uma espécie de filtro ideológico dado pelos nossos valores individualistas. No registro ocidental, especificamente, a diferença só é tolerada na forma de singularidades individuais. É impensável que ela seja formulada por uma

---

2 Entenda-se hierarquia como a relação entre o todo e as partes

predisposição social como no caso das castas na Índia<sup>3</sup>). “O plano social, no nosso esquema de valores, é o lugar que garante que todos sejam ‘igualmente diferentes’”(LEIRNER, p.36).

O próprio indivíduo é uma criação da sociedade, daí o paradoxo: a sociedade não pode ser igual à somatória dos indivíduos

(...)

Por oposição à sociedade moderna, as sociedades tradicionais, que ignoram a liberdade e a igualdade como valores, que ignoram, em suma, o indivíduo, possuem no fundo uma idéia coletiva do homem (p.37).

Assim, o sentido da experiência social nas sociedades modernas é dado pela individualidade particular de cada um. O valor igualitário/ individualista orienta a percepção para o entendimento de que as partes são autônomas e compõem a essência dos arranjos sociais.

No que diz respeito aos meios de comunicação, Lipovetsky afirma que assim como a sociedade

a mídia está sofrendo uma reorganização que se desloca no mesmo sentido; além das redes a cabo, das rádios livres e dos sistemas ‘interativos’, há a explosão do vídeo, do vídeo cassete, os videoteipes que personalizam o acesso à informação, às imagens. (...) A microinformática e a galáxia vídeo determinam a nova onda de sedução, o novo vetor de aceleração da individualização dos seres (...) não devemos nos deixar enganar: a sedução do vídeo não se limita apenas à magia performática das novas tecnologias, mas, sim, enraíza-se profundamente no ganho da autonomia individual almejada, na possibilidade que todos têm de ser senhores do seu tempo e ficar menos presos às normas das organizações pesadas. A sedução em curso é *particularizada* (p.4-5).

No entanto, André Lemos em seu artigo Ciber-socialidade, afirma o contrário:

Segundo Maffesoli (...) nós estaríamos assistindo hoje a passagem (ou a desintegração) do indivíduo clássico à tribo. A erosão e o esgotamento da perspectiva individualista da modernidade são correlatos à formação das mais diversas tribos contemporâneas (fenômeno mundial). (...) Se na modernidade, afirma Maffesoli, o

---

3 O sistema de castas indiano é um dos pontos mais explorados pela pesquisa do autor, servindo de base para diversas generalizações e trabalhos.

indivíduo tinha uma função, a pessoa (“persona”) pós-moderna tem um papel, mesmo que efêmero, hedonista ou cínico. Para Maffesoli, a lógica individualista se apoiou sobre uma identidade fechada, sobre o indivíduo pertencente a uma família, classe, regime militar e igreja específicos, enquanto que a “persona” só existe pelo outro e no outro.

De qualquer forma, não se pode negar absolutamente que a cultura pós-moderna é um vetor de aumento do individualismo; diversificando as possibilidades de escolha, liquidificando os pontos de referência, minando o sentido único e os valores superiores da modernidade. Ela administra uma cultura personalizada ou sob medida, que permite ao átomo social emancipar-se do “balizamento disciplinar revolucionário”. Dessa forma,

se existe necessidade de recorrer ao esquema do processo de personificação, isso não se apóia unicamente nas novas tecnologias suaves de controle, mas também nos efeitos desse processo sobre o próprio indivíduo. Com o processo de personalização, o individualismo sofre uma atualização que aqui chamamos de narcisista, de acordo com a definição dos sociólogos norte-americanos: narcisismo, consequência e manifestação miniaturizada do processo de personalização, símbolo da passagem do individualismo “limitado” ao individualismo “total”, símbolo da segunda revolução individualista (LIPOVETSKY, 2005).

É essa destituição e mecanização do que antes era superior que caracteriza o narcisismo, não a pretensa situação de um indivíduo inteiramente desconectado do social. Ainda de acordo com o autor, o narcisismo não encontra seu verdadeiro sentido a não ser em uma escala histórica. “No essencial, ele coincide com o processo tendencial que leva os indivíduos a reduzir a carga emocional investida no espaço público ou nas esferas transcendentais e, correlativamente, a aumentar as prioridades da esfera privada”.

A última figura do individualismo não reside numa independência soberana anti-social, mas sim nas ramificações e conexões em coletivos com interesses diminuídos ou super-especializados, hiperespecializados. Assim, torna-se notável neste fenômeno a retração dos objetivos universais – se os compararmos à militância ideológica e política de outrora – e, por outro lado, o

desejo de estar entre os mais semelhantes, junto aos demais indivíduos que compartilham as mesmas preocupações, vontades, gostos e afinidades imediatas.

Essa idade pós-moderna é obcecada pela informação e pela expressão, em que há uma sedução geral para gerar consumo. Essa lógica ainda deve se desdobrar infinitamente na medida em que as novas tecnologias e o mercado tornarem disponível para o público uma diversificação cada vez maior de bens e serviços, se tornando uma indústria voltada para atender o desejo de cada indivíduo-cliente com uma oferta infinita.

A idade de ouro do individualismo, concorrente no nível econômico, sentimental no nível doméstico, revolucionária nos níveis político e artístico, chega ao fim e um individualismo puro se desenvolve (...) a própria esfera privada muda de sentido uma vez entregue aos desejos variáveis dos indivíduos (LIPOVESTKY, p.32)

Esse narcisismo citado pelo autor francês nasce da deserção política, e faz com que haja inclusive uma perda do sentido da continuidade histórica, dado pela apropriação do já citado “presenteísmo”. Cada um vive para si mesmo, sem se preocupar com suas tradições ou com a posteridade, o que faz com que “o processo individualista ande junto com a redução do desafio entre as pessoas” (p.183).

### 3. SOBRE AS TECNOLOGIAS

#### 3.1 A Televisão

Avançando milênios no desenvolvimento das tecnologias de comunicação, desconsideramos a imprensa, o rádio e algumas de suas antecessoras para chegar logo a um dos maiores fenômenos do que se configurou como veículo de comunicação de massa e sua relação com o individualismo. Não que tecnologias anteriores não se enquadrem nessa relação ou que sejam menos importantes, na verdade esse salto histórico só se mostra importante dada a quantidade de informação que, omitida nesse momento, não compromete o conteúdo da análise.

Apesar do estereótipo da família reunida em volta do aparelho de TV, não se pode negar que seu consumo é individualizado. A televisão de massa acaba com o individualismo (desconsidera as diferenças pessoais) no que diz respeito ao seu formato e sua programação. No entanto, individualiza no consumo. O aparelho de TV pode reunir a família ao seu redor, mas isso não faz com que qualquer família mantenha um diálogo no momento em que assiste qualquer programa, muito pelo contrário. Cria-se um silêncio em que somente o veículo de comunicação parece ter voz.

Muniz Sodré afirma que a televisão se dirige ao público através do vídeo simulando um contato direto e pessoal, uma espécie de “função-indivíduo” em que se trabalha para simular o contato íntimo com o espectador exclusivamente, não importando quem mais esteja presente. O objetivo é provocar o estabelecimento de relações afetivas com o telespectador.

A atividade de fato pode ser coletiva, mas a apropriação do consumo não, tanto que Putnam fala de um consumo privado e apresenta diversas tabelas que relacionam o consumo televisivo com a diminuição do capital social e do engajamento, provando através de números e gráficos que a televisão afasta as pessoas. Ele afirma que a TV transforma a maneira como passamos nossos dias, levando a “erosão do capital social”.

Among effects of this century-long transformation, two are specially relevant here. First, news and entertainment have become increasingly individualized. No longer must we coordinate our tastes and timing with others in order to enjoy the rarest culture on the most exoteric information. In 1900 music lovers needed to sit with scores of other people at fixed times listening to fixed programs (...). In 2000, with my hi-fi walkman CD, wherever I live I can listen to precisely what I want, when I want and where I want. As late as 1975 Americans nationwide chose among a handful of television program. (...). Barely a quarter century later, cable, satellite, video and the Internet provide an exploding array of individual choice. (PUTNAN, p. 216).

### 3.1.1 A televisão por assinatura e o futuro da TV digital

Não obstante esse caráter individualista se desenvolve dentro da própria tecnologia e, nesse caso específico, quase alcança seu ápice com a

segmentação e a criação da televisão paga, acabando inclusive com o estereótipo da família reunida em torno do eletrodoméstico.

As tecnologias de TV paga, e mesmo o crescimento de emissoras segmentadas com sinal aberto, têm elevado a fragmentação do consumo televisivo cuja recepção tende a ser individual ou em grupos de interesse e não familiares.

A condição social é modificada. Os domicílios passam a ter mais de um aparelho de TV para que ninguém fique prejudicado na hora de assistir ao seu programa preferido. Familiares não se reúnem mais para conferir a programação do horário nobre, cada um se fecha no mundo do seu quarto ou escritório para consumir seu pacote televisivo básico e exclusivo.

O ápice nessa história da televisão parece ser alcançado com o desenvolvimento da TV digital e suas infindáveis possibilidades de cada vez mais atender aos caprichos exclusivos de cada espectador. Seja na oferta de programas *on demand*, criação de grade pelo telespectador, ou pela já real possibilidade de escolha de ângulos de visão de alguns shows ou eventos esportivos, o mercado caminha para a oferta infinita de necessidades singulares, específicas e sempre privadas.

### 3.2 O computador e a Internet

O caso do computador não parece muito diferente. Estabelece-se uma comunicação cada vez mais mediada, e mesmo que um contato iniciado no mundo on line possa ser transposto para o mundo off line, a tecnologia a princípio individualizou, mesmo com o objetivo de criar conexão e sociabilidade.

Obviamente existe algo que mantém a sociedade junta e, de acordo com Ling, “a cola é a densidade da rede social e o grau de confiança e reciprocidade”. É claro que é difícil desenvolver o mesmo tipo de intensidade do sentimento via interação mediada, porém, existem formas diferentes de interação coletiva, seja na co-presença ou naquela mediada.

Assim, baseado no tipo de contato mantido via tecnologias, geralmente na forma de mensagens curtas e rápidas, Richard Ling conclui que em alguns casos, o estilo conectado pode lembrar-nos do movimento a partir da solidariedade orgânica de Durkheim da sociedade moderna em direção a uma forma mediada da solidariedade mecânica.

É, de acordo com o Acselrad, uma individualização que sem dúvida se dá pelo consumo, algumas vezes através da implantação de tecnologias que tornam o indivíduo estranho a si mesmo. Nesse caso, temos como exemplo a teatralização cotidiana nas regiões de fundo e fachada (Goffman) utilizadas por usuários de muitos tipos de bate-papos on line (RIBEIRO, 2006).

Assumindo uma postura um pouco mais radical, Acselrad afirma que “a crescente globalização corresponde, curiosamente, um crescente individualismo e não sentimentos como solidariedade ou convivialidade”, conseqüência do modo como ela, a globalização, vem sendo desenvolvida, tendo o capital como motor principal.

### 3.3 As tecnologias móveis

O crescente desenvolvimento de tecnologias de uso individual parece ter de fato alcançado seu ápice com o telefone celular, aparelho de tecnologia móvel que atualmente se configura como um verdadeiro faz tudo de bolso. Apesar de, novamente como em casos de tecnologias já citadas, seu objetivo primordial ser conectar pessoas, essa conexão é feita cada vez mais a distância e de forma fechada. O aparelho celular é mais uma ferramenta não só de consumo pessoal, mas de uso exclusivo.

De acordo com Grebb, é bem provável que em algumas décadas, será bastante comum encontrar milhões de pessoas em países em desenvolvimento usando telefones móveis como sua ferramenta de comunicação primária.

No entanto, muitas pessoas não querem estar acessíveis o tempo todo, e quanto mais aparelhos de tecnologias móveis emergem, pode haver um crescimento nos segmentos da sociedade que podem rejeitar a “wireless mobility”.

De acordo com Lemos (1995) essa nova forma de agregação social pela tecnologia “trata-se de uma aderência crescente à mobilidade, criando uma nova dinâmica social sobre a cidade”.

O celular passa a ser um “teletudo”, um equipamento que é ao mesmo tempo telefone, máquina fotográfica, televisão, cinema, receptor de informações jornalísticas, difusor de e-mails e SMS, WAP, atualizador de sites (*moblogs*), localizador por GPS, tocador de música (MP3 e outros formatos), carteira eletrônica (...) Podemos agora falar, ver TV, pagar contas, interagir com outras pessoas por SMS, tirar fotos, ouvir música, pagar o estacionamento, comprar *tickets* para o cinema, entrar em uma festa e até organizar mobilizações políticas e/ou hedonistas (caso das *smart* e *flash mobs*) (LEMOS, 1995).

O celular então, se configura como mais que uma máquina de contato individual, se transformando em um verdadeiro “centro de comunicação” pessoal e uma forma de manter contato permanente com comunidades individuais.

Cabe lembrar, entretanto, que essa era de conexão generalizada não é necessariamente uma era de comunicação. Os telefones móveis devem ser vistos como instrumentos que aumentam as possibilidades de manutenção de contato inter pessoal, mas não capaz de garantir o enriquecimento do processo comunicativo.

De acordo com Richard Ling, em seu artigo *Where is mobile communication causing social change?*, o telefone móvel traduz bem a realidade da interação eletrônica mediada pessoal e individualizada.

Esse desenvolvimento está tomando lugar num mundo onde, como o projeto tradicional sociológico, existe uma tensão entre socialização e individualização. Ao mesmo tempo que estamos usando a mediação individual, nossas formas de organizar e manter a vida social estão mudando.

(...)

There are some new wrinkles here, however, associated with the interaction within social groups, the rise of individualism and the reforming if the ways in which sociation takes place. Looking at these three issues, there are ways in which mobile communication plays into our sense of the social capital, the role of individualism and

the ways that we form and maintain social groups (LING, 2004).

De acordo com o autor, teóricos do capital social apontam para a

crescente individualização da sociedade. Seguindo Beck and Beck-Gernsheim, a sociedade tem se movido na direção de ser mais focada no indivíduo (...) eles representam uma sociedade onde o indivíduo não é explicitamente direcionado a papéis tradicionais. No lugar desses contextos fechados eles apontam para o que chamam de institucionalização do individualismo. Num tipo de truque do espelho, existe a aceitação que estamos sendo obrigados a um individualismo assim como gerações anteriores eram levadas a igreja ou a nação.

Existe, portanto, um grau de privacidade e direitos antes indisponíveis. Além disso, a individualização vai aumentando dentro da própria tecnologia. No caso do celular, a evolução teve três gerações. A primeira com portáteis analógicos; a segunda: digitais que fazem uso da internet com serviços como envio de pequenas mensagens de texto; e a terceira: portátil na internet requerendo inclusive licenças reguladas pelo governo para em alguns casos usar espectro do rádio. Essa evolução compreendida em três passos possibilitou um grau cada vez maior de privacidade, um poder de se fazer tudo, em qualquer lugar e sozinho através daquele aparelho.

Rheingold cita Ito afirmando que a tecnologia de mensagens de textos via celular libertou a juventude de uma espécie de tirania compartilhada pela família, criando um espaço para comunicação ainda mais privada.

Mensagens de texto tornaram possível para os jovens conduzirem conversas que não podem ser ouvidas. Ito observou adolescentes utilizando essa nova liberdade de comunicação para “construir um lugar portátil e localizado de intimidade, um canal aberto de contato com geralmente três ou cinco pessoas” (RHEINGOLD, p.4).

Assim, são tecnologias que podem aumentar o capital social ao invés de dissipá-lo, construindo um espaço de vivência compartilhada capaz de unir “a localização física, a comunidade virtual, uma rede social móvel e uma organização cooperativa” (p. 9). Uma possibilidade de se comunicar fora da

observação controladora e, ao mesmo tempo, um crescente senso de independência e coletividade.

#### 4. CONCLUSÃO: ATÉ ONDE SE PODE CHEGAR?

Em momento algum se configurou pretensão deste trabalho elaborar qualquer conclusão, mesmo que provisória, sobre a crescente individualização, ou mediação, das tecnologias. Tese e antítese foram apresentadas para gerar uma reflexão sobre o tema e se pensar um pouco sobre o caráter das inovações que ainda estão por vir.

De acordo com Grebb, a modernização pode ser tamanha que

avanços na nanotecnologia e biologia molecular já estão criando dilemas éticos. Por exemplo, cientistas estão trabalhando em colocar neurônios humanos em chips. Tais criações cibernéticas logo abrirão caminho para artefatos implantáveis sem fio que poderão potencialmente transformar o corpo humano em 'lifesized communication tower', constantemente recebendo e enviando dados.

Ou seja, se antes se via no telefone celular o clímax da inovação, convergência e possibilidades, hoje a literatura já nos permite imaginar uma tecnologia ainda mais individual ou, melhor dizendo, a mais individual impossível.

A questão não é se as novas tecnologias aumentam ou diminuem o capital social, mas, como afirma Ling "esse desenvolvimento está tomando lugar num mundo onde, como o projeto tradicional sociológico, existe uma tensão entre socialização e individualização. Ao mesmo tempo que estamos usando a mediação individual, nossas formas de organizar e manter a vida social estão mudando". O que não se pode negar é que existe a possibilidade de se comunicar fora da observação controladora e o crescente senso de independência e coletividade, ao mesmo tempo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\* Artigos

BRITTOS, Valério. A televisão no Brasil hoje: a multiplicidade da oferta. *Comunicação & Sociedade*. São Paulo, n. 31, p. 9-34.

\* Livro

LEINER, Piero Camargo. Hierarquia e individualismo em Louis Dumont. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri/SP: Manole, 2005.

PUTNAM, Robert. Bowling Alone: the collapse and revival of American community. United States: Touchstone Books, 2000.

SODRÉ, Muniz. O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TURKLE, Sherry. Life on the screen: identity in the age of Internet. London: Weidnfeld & Nicolson, 1996.

\* Capítulo de livro

FERNBACK, Jan. The individual within the collective: virtual ideology and the realization of collective principles. IN: JONES, S. Virtual culture. Identity and communication in cybersociety. London: 1997, p. 36-54.

JONES, Steven. Understanding community in the information age. IN: \_\_\_\_\_. Cybersociety. Computer-mediated communication and community. London: 2005, p. 10-35.

LEMOS, André. Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. IN: RUBIM, A.; BENTZ, I.; PINTO, J.M. Práticas discursivas na cultura contemporânea. Rio Grande do Sul: Unisinos/ Compós, 1999, p. 9-22.

RHEINGOLD, Howard. Smart Mobs: The next social revolution. Perseus Publishing, 2003, p. 1-56.

\* Trabalho em meio eletrônico

GREBB, Michael. Cordless culture: how wireless network are changing society. 2003. Disponível em: <<http://www.receiver.vodafone.com>>. Acesso em: 31 jul. 2006.

IRVINE, Martin. Global cyberculture reconsidered: cyberspace, identity and the global informational city. INET'98, Geneva, 1999. Disponível em: <<http://www.georgetown.edu/faculty/irvinem/articles/globalculture.html>>. Acesso em: 31 jul. 2006.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade: a Era da Conexão. *Razón y Palabra*, 41, 1995. Disponível em: <<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html>>. Acesso em: 31 jul. 2006.

LING, Richard. Where is mobile communication causing social change? 2004. Disponível em: <<http://www.richardling.com/publications.php>>. Acesso em: 31 jul. 2006.

\* Outros

RIBEIRO, José Carlos Santos. Sociabilidade no ciberespaço, 18 de abr. de 2006. Notas de aula.

### **SOBRE A AUTORA**

Graça Rossetto é jornalista, mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea/ Ufba e professora das disciplinas Teorias do Jornalismo e Oficina de Jornalismo Digital no Centro Universitário da Bahia (Fib). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Políticas de Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: televisão por assinatura, televisão, estado da arte e teorias da comunicação.

